

Homoerotismo em Yukio Mishima: questões de pesquisa

Doutorando Victor Kanashiroⁱ

(Unicamp)

Resumo:

*Esta comunicação apresenta as principais questões da pesquisa de doutorado “A homossexualidade na obra literária de Yukio Mishima: sociedade, sexualidade e literatura no Japão do pós-guerra”, sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unicamp pelo autor da proposta. Inserindo-se nas discussões em torno da relação sociedade e literatura, e em diálogo com os desenvolvimentos teóricos dos estudos culturais e da teoria queer, tal pesquisa procura problematizar como o contexto sócio-histórico do Japão do pós-guerra – e, especificamente, a emergência e consolidação de discursos constitutivos de um dispositivo de sexualidade heteronormativo – se relaciona com a construção das narrativas e personagens homossexuais em dois romances de Yukio Mishima: *Confissões de uma Máscara* (1949) e *Cores Proibidas* (1952).*

Palavras-chave: sociedade e literatura, literatura japonesa, Yukio Mishima, teoria queer, homoerotismo

1 Introdução

Yukio Mishima (1925-1970) foi um dos mais expressivos e polêmicos escritores da literatura japonesa moderna, tendo sido indicado, sem vencer, ao Prêmio Nobel da Literatura por três vezes. Nascido em uma família prestigiada da classe média alta de Tóquio, em 1925, com o nome Kimitake Hiraoka, adotou o pseudônimo Yukio Mishima ainda adolescente, com o intuito de proteger sua identidade, já que seu pai reprovava suas inclinações literárias. Sua trajetória de vida – explorada nas biografias escritas por Stokes (1986) e Nathan (1974), e transformada em filme por Paul Schrader (1983) – foi marcada por uma infância conturbada, grandes sucessos, mistérios em torno de sua sexualidade, o casamento com Yoko Sugiyama, seu fascínio e obsessão pelas artes marciais japonesas, pelo *bushido* (código de conduta samurai) e pelo halterofilismo, opiniões políticas controversas e seu suicídio ritual de *seppuku* (*harakiri*) em condições bastante peculiares, em 1970, aos quarenta e cinco anos.

Ator, cineasta, dramaturgo e escritor, sua vasta obra – traduzida para várias línguas – inclui 35 romances, 25 filmes e peças de teatro, 20 volumes de contos, além de ensaios crítico-literários, jornalísticos e filosóficos. Bastante influenciado por escritores e filósofos europeus como Goethe, Mann, Wilde, Marques de Sade, Dostoievski e Nietzsche, a doutrina estética de Mishima dialoga também com a tradição literária clássica japonesa (STARRS, 1994). Um dos primeiros autores japoneses modernos a tratar abertamente de temáticas homossexuais (KEENE, 1984), Mishima retrata em sua obra um Japão do pós-guerra num intenso processo de modernização e reconstrução, além de temas como a morte, o erotismo, a misoginia, o culto ao corpo e à beleza, o suicídio, entre outros.

O projeto de pesquisa no qual esta comunicação é baseada propõe uma reflexão em torno das relações entre a emergência de um dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2010) heteronormativo (WARNER, 1993) no Japão moderno e as narrativas e personagens homossexuais na obra de Yukio Mishima. Nesse sentido, parte do entendimento de que nem a sexualidade é dada naturalmente (FOUCAULT, 2010), nem a obra literária é fruto somente da mente de escritores geniais e desvinculados do mundo social (BOURDIEU, 1996). Ao invés disso, parte do pressuposto de que tanto os discursos sobre a sexualidade, quanto a obra literária são condicionados social, cultural e historicamente.

Especificamente, a proposta é investigar como os discursos médico-científicos e legais do Japão moderno se articulam na formação de um dispositivo heteronormativo da sexualidade (base para um imaginário hegemônico sobre o homossexual), e como tal dispositivo se relaciona com as “experiências” (SCOTT, 1998) do desejo homoerótico que produzem os sujeitos homossexuais nas narrativas de Mishima. Os dois romances escolhidos para análise ocupam lugar importante na obra do autor, tratam explicitamente da temática da homossexualidade e são considerados por Lilly (1993) e Woods (1998) como exemplares de uma “literatura gay”².

O romance “Confissões de uma Máscara” (“*Kamen no kokuhaku*”), considerado por muitos a principal obra de Mishima, foi publicado em 1949, quando o autor ainda tinha 24 anos. Narrado em primeira pessoa, é construído como a autobiografia³ de um jovem que, desde suas primeiras memórias de infância, sente-se atraído por homens. A autobiografia (ou confissão) vincula explicitamente as memórias do protagonista com a descoberta de “desejos homossexuais e sado-masoquistas”, e conta a sequência de percalços, metamorfoses e dissimulações a que se encontra submetido. Fascinado desde cedo pelos corpos de colegas, por fotos de lutadores de sumô e de samurais perfurando suas próprias entranhas, mas incapaz de se entregar a seus impulsos, o jovem amargo e solitário leva uma vida de desejos e rancores secretos, namoros de fachada e amizades frustrantes. Em uma das mais famosas e significativas passagens de tal obra, o protagonista, então com 12 anos, admirando uma figura de São Sebastião de Guido Reni, descobre o seu “mau-hábito” e tem sua primeira ejaculação. Angustiado com esses desejos “proibidos”, o narrador procura se passar por um heterossexual, decidindo-se que pode amar uma mulher sem nenhum desejo sexual e acreditando que, a partir disso, poderá se tornar “normal”. Trata então de se apaixonar por Sonoko, irmã de um colega de escola, com quem passa a se encontrar e trocar cartas. Mas, chega a desejar sua própria morte quando percebe que seu amor por Sonoko é incompleto e vazio. No fim, Sonoko acaba se casando com outro homem e o protagonista, ainda que aliviado pelo fim do compromisso, continua atormentado por desejos que ele sente serem ilícitos.

O livro gerou reações positivas e negativas da crítica e do público da época, mas rapidamente tornou-se um *best-seller* (NATHAN, 1974) e foi traduzido para diversas línguas. A primeira versão brasileira é de 1958 e, de acordo com Ruffato (2009), foi um dos maiores sucessos da editora Vertente, que publicou o livro no Brasil, alcançando uma tiragem total de mais de 28 mil exemplares em 1976. A última edição do livro no país é uma nova tradução da obra, lançada pela Companhia das Letras em 2004.

Já “Cores Proibidas” (*Kinkiji*)⁴, publicado em 1952 no Japão, conta a história de Shunsuke – um velho e ilustre escritor – que, amargurado pelas traições de sua esposa, passa a manipular Yuichi – um jovem homossexual, misógino e de beleza extraordinária – a fim de se vingar das mulheres que passaram em sua vida. Constrói-se então um complexo jogo de poderes, mentiras e manipulações envolvendo Shunsuke, Yuichi e seus amantes. Contra o pano de fundo dos bares gays de Tóquio e da ocupação norte-americana do Japão, a trama indica um final trágico quando Yuichi se mostra mais ingovernável do que Shunsuke imaginava.

O romance não obteve tanto sucesso como “Confissões de uma Máscara” (YOUZENAR, 1980), mas parece ser um dos poucos tratamentos literários da “cena gay” no Japão do pós-guerra – já bastante influenciada pela ocupação norte-americana (McLELLAND, 2000) – e um objeto privilegiado para uma análise como a proposta. A primeira tradução brasileira data de 2002 e foi publicada pela Companhia das Letras.

2 Japão, literatura e sexualidade

Há diversos motivos para se problematizar as relações entre os dispositivos de sexualidade e a literatura no Japão do pós-guerra, e tomar como objeto de análise a obra de Yukio Mishima. O primeiro deles se refere às próprias lacunas temáticas do emergente campo dos estudos japoneses no Brasil. Como mostra uma pesquisa recente, encomendada pela Fundação Japão de São Paulo, os

estudos sociológicos e antropológicos nesta área têm privilegiado trabalhos sobre imigração, comunidade nipo-brasileira, aspectos da cultura japonesa, identidade, além do fenômeno dos dekassegus (FSJP, 2010). Nesse sentido, temas como o da modernização, conflitos e movimentos sociais, minorias, gênero e sexualidade no Japão são relativamente negligenciados nessas pesquisas.

Em nível mundial, tal campo é bem estabelecido institucionalmente, existindo programas de Estudos Japoneses e Asiáticos em algumas das mais prestigiadas universidades norte-americanas e europeias, além de congressos, sociedades e periódicos científicos. No entanto, como alerta Ortiz (2000), a japonologia – domínio que congrega os especialistas em estudos japoneses – ao tomar uma unidade geográfica como base para propostas diversas, mostra fragilidade epistemológica e pouca consistência teórica. Nesse sentido, ainda que a pesquisa proponha uma interlocução com tal área de estudos, parte de uma abordagem teórico-metodológica pouco usual no campo dos estudos japoneses, além de tratar de uma temática pouco problematizada pelos “japonólogos” brasileiros: a sexualidade no Japão.

No que se refere à interface sexualidade e literatura, ainda que as pesquisas sobre a questão do homoerotismo na literatura venham se consolidando no campo intelectual brasileiro, são raros os estudos que procuram abordar tal tema nas literaturas fora do contexto euroamericano. Nesse sentido, além da proposta (controversa) de repensarmos os termos - como homoerotismo e homocultura - em torno dos quais o campo tem se institucionalizado, a expansão de tais estudos para literaturas fora do eixo euroamericano certamente contribuirá para reflexões mais aprofundadas e sofisticadas sobre a questão do homoerotismo - mas também do gênero e sexualidade de forma mais ampla - na literatura.

O caso do Japão parece ser instigante nesse sentido. Isso porque tanto a história da sexualidade no Japão quanto a história da representação do sexo entre homens na literatura japonesa evidencia a importância e centralidade da cultura e da história nessas construções. Como conta Leupp (1997), até a restauração Meiji (1868), a construção da sexualidade – e especificamente do “sexo entre homens” – no Japão era bem diferente da que se viu a partir de então. Durante a era Tokugawa (1603-1867), o “sexo entre homens”⁵ era, segundo o autor, não somente tolerado em certos extratos da sociedade feudal japonesa, como também frequentemente celebrado na cultura popular. Schallow (1989) e Leupp (1997) mostram que, nesse período, o “sexo entre homens” nos mosteiros budistas, na iniciação e socialização dos samurais e no mundo do teatro kabuki eram práticas socialmente reconhecidas e frequentemente retratadas na pintura e literatura (LEUPP, 1997). Uma obra de destaque nesta literatura é a compilação de contos “*Nanshoku Okagami*”, publicada em 1687 pelo escritor Ihara Saikaku (1623-1693), que teve ampla distribuição em todo o arquipélago japonês e foi traduzida para o inglês com o título “*The Great Mirror of Male Love*” (1990).

A partir da Restauração Meiji (1868), no entanto, o Japão iniciou uma rápida transformação para um Estado-nação centralizado, nos moldes dos países imperialistas europeus que, no contexto do século XIX, ameaçavam sua soberania. Com essa mudança política, que deu fim à sociedade feudal japonesa, emergiram não somente novas instituições governamentais e civis, mas também um regime de regulação sexual reconfigurado para manter uma nova ordem nacional (PFLUGFELDER, 1999) e que, de acordo com Frühstück (2003), foi central para os planos expansionistas do Japão.

Segundo Pflugfelder (1999), em contraste com o caráter fragmentado das políticas da Era Tokugawa, o discurso oficial sobre o “sexo entre homens” a partir da Era Meiji teve uma força e grau de uniformidade sem precedentes na história do Japão. Na visão do autor, essa transformação reflete, de um lado, um quadro político altamente centralizado, nos quais os códigos legais eram executados e reforçados e, de outro, padrões reformulados de uma moralidade oficial (PFLUGFELDER, 1999). Durante a Era Meiji, os códigos legislativos incorporaram um paradigma da sexualidade – a que o autor chama de “civilizador” – cuja autoridade repousa, em última instância, no poder e na construção do Estado-nação. No novo entendimento, os atos sexuais entre homens – dentre outras práticas eróticas fora das fronteiras do casamento entre homens e mulheres – eram vistos como bárbaros (em contraposição às normas “civilizadas”), e a avaliação do comportamento erótico era dada a partir do ato sexual em si, sem levar em conta os desejos e contextos em que

ocorriam. Pela primeira vez, códigos criminais publicamente promulgados colocavam limites explícitos sobre os tipos de atos sexuais em que os cidadãos japoneses poderiam licitamente se envolver. Assim, durante período de 1870 a 1880, por exemplo, o intercuro anal entre homens foi oficialmente e nacionalmente proibido no Japão (PFLUGFELDER, 1999).

Para o autor, a regulação estatal da indústria editorial ajudou a assegurar que o paradigma “civilizador” viesse governar também a esfera do discurso popular. Por meio de políticas de censura, desencorajava não só as práticas, mas também os textos e representações artísticas considerados “obscenos”⁶. Como resultado disso, o homoerotismo masculino – importante na pintura e literatura da Era Tokugawa – moveu-se, com a Era Meiji, para as margens do que poderia ser publicamente representável (PFLUGFELDER, 1999).

A rápida institucionalização de novas formas de conhecimento médico e científico no final do século XIX teria produzido ainda as bases para a emergência de um outro paradigma da sexualidade no Japão. O paradigma médico-científico vigente, segundo Pflugfelder (1999), na primeira metade do século XX, enquadrava o “sexo entre homens” na esfera das patologias sexuais a serem tratadas por médicos e cientistas. Enquanto no paradigma “civilizador”, o foco de atenção era o ato sexual, o paradigma médico-científico elevou o desejo sexual entre homens e mulheres ao *status* de instinto biológico, classificando o desejo erótico entre homens como não-natural e perverso, sintomático de uma fisiologia e psicologia aberrantes.

Assim como ocorreu na Europa, os sexólogos japoneses cunharam uma nova taxonomia cientificamente legitimada, na qual o *doseiai* (*same-sex love*) servia, enquanto desviante, para validar a primazia e “normalidade” do *iseiai* (*cross-sex love*). Para Pflugfelder (1999), ao articular o novo paradigma – marcado pela heteronormatividade⁷ (WARNER, 1993)– os sexólogos e autoridades japonesas tiveram que negociar as premissas contraditórias de, por um lado, um legado textual nativo que incorporava sistemas de entendimento sexual de modo algum uniformemente hostis às relações homoeróticas e, de outro, uma estrutura global de conhecimento científico que transcendeu as fronteiras nacionais e culturais, na qual o “sexo entre homens” portava um conjunto de significados altamente negativos.

Segundo o autor, entre 1912 e 1950, os produtores do discurso popular rapidamente incorporaram o novo modo médico-científico de entendimento da sexualidade masculina. O idioma sexológico teria oferecido uma nova linguagem legitimada pela autoridade da ciência. No âmbito da cultura popular, textos sobre sexualidade – escritos por médicos, artistas e jornalistas – proliferaram. E, nesse sentido, o discurso médico-científico teria provido uma nova arena de elaboração do prazer e uma nova matriz para a construção e representação de subjetividades (PFLUGFELDER, 1999).

3 Questões de pesquisa

Ainda que muitos livros de Mishima tenham sido traduzidos para o português, são escassos os estudos sobre sua obra produzidos no campo intelectual brasileiro. Dentre esses poucos trabalhos, destacam-se o livro de Kusano (2006) e a dissertação de mestrado de Lee (2007), defendida na Faculdade de Letras da UFMG. Kusano (2006) – que também traduziu algumas peças de teatro de Mishima e auxiliou Paulo Leminski na tradução de “Sol e Aço” (1986) – realiza uma vasta pesquisa em torno da dramaturgia e filmografia do autor, analisando a questão do corpo e da ação em seus filmes e peças de teatro, mas deixando de lado sua obra literária. A autora traz ainda relatos importantes sobre a viagem do escritor ao Brasil em 1952 (quando, inclusive, ainda finalizava “Cores Proibidas”). Mishima ficou pouco mais de um mês entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul, escrevendo posteriormente alguns contos e peças de teatro inspirados em sua viagem ao país. Especula-se, inclusive, que as primeiras experiências homossexuais do escritor tenham se passado em terras brasileiras (KUSANO, 2006). Já Lee (2007), mais no âmbito da crítica literária, analisou o espaço-autobiográfico nos livros “Confissões de uma Máscara” (2002) e “Sol e Aço” (1986).

O número escasso de pesquisas sobre Yukio Mishima no Brasil contrasta, no entanto, com a vasta produção desenvolvida fora do país. Ainda que, no Japão, sua obra (e vida) pareça ser motivo de constrangimentos e certa rejeição, ela continua sendo objeto de interesse de pesquisadores de diversas partes do mundo, existindo vários estudos sobre Mishima e sua obra publicados em línguas ocidentais. No entanto, muitas das interpretações de sua obra parecem vincular suas criações literárias quase exclusivamente à sua própria personalidade, sua “psique” ou sua história de vida. Para dar alguns exemplos, Starrs (1995) argumenta que os personagens homossexuais de Mishima se relacionam com sua “psique perversa” e suas características de “escritor nietschiano niilista”, enquanto Piven (2004) relaciona sua obra a seus “traumas de infância” e sua “natureza narcisista”.

Certamente, a genialidade do artista e suas características individuais são elementos importantes na criação literária. E, especialmente em algumas obras de Mishima, é possível, como fez Lee (2007), vislumbrar um espaço auto-biográfico considerável, na medida em que o próprio Mishima buscava “fundir arte e vida”. No entanto, como afirma Facina (2004:10), “toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos”. Essa constatação nos leva a refletir sobre as relações entre sociedade, sexualidade e literatura, e, especificamente, como esta relação pode ser explorada no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade.

No campo dos estudos culturais, a literatura foi tomada, numa inspiração gramsciana, como uma fonte de pesquisa importante, na medida em que dá atenção às experiências históricas de subordinados, que tenderam a ser apagadas ou não reconhecidas pelos saberes hegemônicos, mas foram frequentemente retradas em romances (MISKOLCI, 2009). É nesse sentido que Said (2007) afirma que é possível reconhecer e construir um arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas. De acordo com Miskolci (2009), esse arquivo foi compreendido como fonte privilegiada para reconstituir histórias silenciadas como a de povos colonizados, mulheres, negros e homossexuais.

No entanto, a teórica feminista Joan W. Scott (1998) argumenta que, ao invés de apenas interpretar as experiências de tais sujeitos tomando-as como evidentes, poderíamos explorar quais foram as experiências historicamente constituídas que criaram esses sujeitos (mulheres, gays, negros, colonizados) (MISKOLCI, 2009). Isso porque, para a autora, ser um sujeito significa “estar sujeitado a condições de existência definidas, condições de designação de agentes e condições de exercício” (SCOTT, 1998:42). E, nesse sentido, a experiência torna-se não a origem da explicação, mas sim – na tentativa de historicizá-la – aquilo que buscamos explicar. Para Scott (1998), uma vez os sujeitos sendo constituídos discursivamente, a experiência mostra-se como um evento linguístico. E sendo o discurso, por definição, compartilhado, ela é também sempre simultaneamente coletiva e individual. A autora propõe, dessa forma, uma análise da literatura que não pressupõe uma correspondência entre as palavras e as coisas, mas que dá ao “literário” um *status* próprio integral, e até irredutível. Para ela, tal status não significa transformar o literário em fundamental, mas sim abrir novas possibilidades para analisar produções discursivas da realidade social e política como processos complexos e contraditórios (SCOTT, 1998).

Outra abordagem importante desenvolvida na intersecção dos estudos literários com os estudos de sexualidade é aquela marcada pela perspectiva *queer*⁸. Trabalhos considerados fundadores de tal perspectiva partem da literatura não somente como matéria de crítica literária, mas como objeto revelador de constrangimentos sociais produtores da ordem sexual heteronormativa. Em “*Between men: english literature and male homosocial desire*”, Sedgwick (1985) relaciona – a partir da análise dos triângulos amorosos em romances ingleses do século XIX – a homosocialibilidade, a homofobia e a dominação das mulheres com a consolidação de uma nova ordem burguesa na Inglaterra. Já em “*Epistemology of the Closet*” (1990), a autora mostra, analisando romances de autores como Oscar Wilde, Marcel Proust e Henry James, como, desde o final do século XIX, o “armário” tornou-se o dispositivo de regulação da vida não somente de gays e lésbicas, mas também de heterossexuais e da manutenção de seus privilégios (SEDGWICK, 1990).

Com base nas discussões esboçadas acima, propomos, no projeto de doutorado, uma

abordagem das obras de Mishima não como reflexos da realidade, nem somente como relatos de experiências silenciadas, mas também como objeto privilegiado para se problematizar, a partir do entrelaçamento entre texto, contexto e autor, o estabelecimento dos dispositivos de sexualidade heteronormativos do Japão moderno.

O conceito de dispositivo da sexualidade foi cunhado por Foucault (2010) para se referir aos discursos sobre a sexualidade que articulam poder e saber na produção de “verdades” sobre o corpo, o desejo e os prazeres, e que se instituíram desde o século XVIII nas sociedades modernas ocidentais. Para o autor, esse dispositivo se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social, os quais tinham quatro frentes principais: a saturação do corpo feminino pela sexualidade devido à sua importância reprodutiva; a psiquiatrização do “prazer perverso” de forma a impor padrões normativos para os comportamentos; a pedagogização do sexo da criança; e a socialização das condutas de procriação (FOUCAULT, 2010).

Ainda que considerando uma série de especificidades históricas e culturais, os trabalhos de Pflugfelder (1999) e Frühstück (2003) apontam para a consolidação de sistemas de regulação similares também no caso do Japão moderno. Nesse sentido, é possível, a título de hipótese, sugerir que os discursos constitutivos de uma ordem heteronormativa no Japão moderno (base para um imaginário hegemônico sobre a homossexualidade), tornaram-se elementos estruturantes na narrativa e criação dos personagens homossexuais em Yukio Mishima.

Com base nisso, propomos, num primeiro esforço de problematização do objeto, um conjunto de questões norteadoras para a pesquisa em discussão: como a questão da sexualidade era representada nos discursos legais, médico-científicos e literários no Japão do pós-guerra? Quais as especificidades da construção de uma ordem sexual heteronormativa no Japão moderno? Como são e como se compreendem os personagens homossexuais de Yukio Mishima em “Confissões de uma Máscara” e “Cores Proibidas”? A ordem heteronormativa do Japão do pós-guerra pode ser vista como um elemento estruturante nesses dois romances? É possível vislumbrar ainda uma abordagem crítica de Mishima a tal ordem?

Conclusão

Por se referir a uma pesquisa ainda em desenvolvimento, esta comunicação teve menos o intuito de dar respostas a estes questionamentos e mais o de apresentar e justificar a problemática da pesquisa em questão. Certamente, a fim de não reproduzir um modelo de análise baseado no que Candido (1965) chama de paralelismo e que Williams (1988) chama de teoria do reflexo na análise sociológica da literatura, será necessário ainda um aprofundamento teórico-metodológico, bem como uma revisão crítica e pormenorizada da bibliografia sobre a história da sexualidade no Japão. A pesquisa em questão se insere numa abordagem interdisciplinar das relações entre sociedade, sexualidade e literatura e, nesse sentido, pretende dialogar com diferentes áreas do saber, como os estudos de gênero e sexualidade, estudos japoneses e estudos literários, bem como exige a aproximação de disciplinas como sociologia, antropologia e história. Esperamos que seu desenvolvimento possa também contribuir para a reflexão sobre a questão do homoerotismo na literatura, de forma a evidenciar o caráter cultural e histórico de suas possibilidades.

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unicamp por ter custeado minha ida ao XII Congresso Internacional da ABRALIC e viabilizado a apresentação oral desta comunicação.

Referências Bibliográficas

- BERLANT, L.; WARNER, M. Sex in public. **Critical Inquiry**, 24, n. 2, 1998. 547-566.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FACINA, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FJSP. Estudos Japoneses no Brasil. **Pesquisadores on-line**, 2010. Disponível em: <http://www.fjsp.org.br/pesquisadores_online/panorama.php>. Acesso em: 10 ago. 2010.
- FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 2010.
- FRÜHSTÜCK, S. **Colonizing sex: sexology and social control in modern japan**. Berkeley: University of California Press, 2003.
- KEENE, D. J. L. O. T. M. E. **Dawn to the West**. New York: Henry Holt and Company, 1987.
- KUSANO, D. **Mishima: o homem de teatro e de cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LEE, H. **O espaço autobiográfico em Yukio Mishima**. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 124f, 2007.
- LEUPP, G. **Male colors: the construction of homosexuality in Tokugawa Japan**. Berkeley: The University of California Press, 1997.
- LILLY, M. **Gay Men's Literature in the 20th Century**. Washington Square: New York University Press, 1993.
- MCLELLAND, M. **Male Homosexuality in Modern Japan: Cultural Myths and Social Realities**. Richmond: Curzon Press, 2000.
- MISHIMA, Y. **Cores Proibidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MISHIMA, Y. **Confissões de uma máscara**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MISHIMA: a life in four chapters. Direção: Paul SCHRADER. [S.l.]: [s.n.], 1983.
- MISKOLCI, R. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fim-de-século brasileiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2, 2009. 547-567.
- MORTON, L. **Modern Japanese culture: the insider view**. South Melbourne: Oxford University, 2003.
- NATHAN, J. **Mishima: a biography**. Boston: Little, Brown, 1974.
- ORTIZ, R. **O próximo e o distante: Japão e Modernidade-Mundo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PECK, D. Out of the closet and into the woods. **Lingua Franca Book Review**, Spring 1998.
- PFLUGFELDER, G. **Cartographies of Desire: male-male sexuality in japanese discourse (1600-1950)**. Berkeley: University of California Press, 1999.
- PIVEN, J. **The Madness and Perversion of Yukio Mishima**. n/a: Praeger Publishers, 2004.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SCHALOW, P. G. Male Love in Early Modern Japan: a literary depiction of the 'youth'. In: DUBERMANN, M. B. E. A. **Hidden from History: reclaiming the gay and lesbian past**. New York: NAL, 1989. p. 118-128.
- SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, 1998. 297-325.
- SEDGWICK, E. K. **Between Men: english literature and male homosocial desire**. New York: Columbia University Press, 1985.
- SEDGWICK, E. K. **Epistemology of the closet**. Los Angeles: The University of California Press, 1990.
- SEIDMAN, S. Introduction. In: SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell Publishers, 1997. p. 1-30.
- SPARGO, T. **Foucault and Queer Theory**. Cambridge: Icon Books, 2000.

STARRS, R. **Deadly Dialectics**: sex violence and nihilism in the world of Yukio Mishima. Sandgate: Japan Library, 1994.

STOKES, H. S. **A vida e morte de Mishima**. São Paulo: L&PM, 1986.

WARNER, M. **Fear of a Queer Planet**: Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WILLIAMS, R. **Marxismo y Literatura**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1988.

WOODS, G. **A history of gay literature**: the male tradition. London: University of Yale Press, 1998.

YOURCENAR, M. **Mishima ou la vision du vide**. Paris: Gallimard, 1980.

iVictor KANASHIRO, doutorando

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

E-mail: vikanashiro@gmail.com

² Para uma crítica em torno da noção de “literatura gay”, ver Peck (1998).

³ A questão de se este romance é um livro sobre a autobiografia de um personagem ou se ele é a autobiografia do próprio Mishima tem sido discutida incansavelmente. Para Nathan (1974), segundo a entrevista que realizou com a mãe do escritor após sua morte, a história sobre Sonoko é baseada em “fatos reais”. Além disso, a data do nascimento, a estrutura familiar e outros aspectos de sua biografia coincidem com as do protagonista (LEE, 2007). Morton (2003) ainda lembra que os caracteres do nome do protagonista, que na tradução para o inglês aparece como Kochan, pode ser lido, na leitura chinesa, como Kimi-chan, diminutivo do nome real (Kimitake) do autor. Mas Mishima escreveu mais de uma vez que não se tratava de uma autobiografia sua, afirmando que o livro era uma “pura fabricação”, e que ele tinha tentado “criar uma confissão perfeitamente ficcional” (MORTON, 2003:160).

⁴ Algo interessante em relação ao título deste livro se refere aos caracteres usados em japonês para se escrever *kinjiki* (...). O caractere . em japonês significa cor, mas também está associado ao erotismo. É por isso que o termo *nanshoku* (...), cuja tradução pode ser *eros* masculino e é um dos termos utilizados durante a Era Tokugawa para se referir ao “sexo entre homens”, contém o mesmo caractere. Mishima explorou essa associação ao intitular esta obra (LEUPP, 1997).

⁵ Há, na língua japonesa, uma série de termos para se referir ao sexo ou erotismo entre homens. Na Era Tokugawa, um dos termos mais comuns era *nanshoku*, que Leupp (1997) traduziu para o inglês como *male eros*. O termo homossexual e heterossexual foi, como mostrou Foucault (2010), “inventado” somente no final do século XIX pela sexologia e tem consequências decisivas na construção de um imaginário sobre os homens que fazem sexo com homens e mulheres que fazem sexo com mulheres. No Japão, esse tipo de taxonomia científica da sexualidade emergiu somente no início do século XX, quando os japoneses substituíram a utilização do termo *nanshoku* pelos termos, cientificamente autorizados, *iseiai* e *doseiai* para se referir respectivamente às relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo e de sexos opostos.

⁶ Keene (1987) conta que obras como “*The Great Mirror of Male Love*” de Ihara Saikaku (1990) foram proibidas de circular ou ser reproduzidas.

⁷ Nas palavras de Warner e Berlant (1998:548), “Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral.”

⁸ De acordo com Spargo (1999), a teoria queer não é um quadro conceitual e metodológico sistemático ou singular, mas um conjunto de compromissos intelectuais referentes às questões de gênero, sexualidade e desejos sexuais. Para ele, o termo descreve uma gama de práticas intelectuais críticas referentes ao estudo de representações do *same-sex desire* em textos literários, filmes, música, imagens; análises das relações de poder da sexualidade; estudos de identificação transexual e transgênero; desejos sadomasoquistas e

transgressivos.